

ENSINA-SE A MAIS ANTIGA DAS ARTES ÀS MULHERES: A DE TER FILHOS E TORNAR-SE MÃE CARINHOSA

SCHWENGBER, Maria Simone Vione – UNIJUÍ

GT-23: Gênero, Sexualidade e Educação

Agência Financiadora: UNIJUÍ

Resumo:

O presente artigo é parte de uma pesquisa inspirada nos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais que se aproximam das teorizações pós-estruturalistas de Michel Foucault (1988; 1997). Nele discuto a emergência de uma lógica, segundo a qual a educação dos corpos de modo geral, e o das mulheres de forma específica, se intensifica, a partir do século XVIII. Tenho definido esse processo educativo contemporâneo mais amplo, como “politização do feminino e da maternidade”; um processo que, por extensão, inclui a “politização do corpo grávido”. Para essa discussão, examinei a revista *Pais e Filhos*, no período de 1968 a 2004, utilizando-me das estratégias metodológicas da análise de discurso. Do resultado das análises focalizo um movimento que permite visualizar a emergência de uma lógica, segundo a qual a educação dos corpos grávidos se intensifica, por meio das práticas corporais, construindo diferentes posições de sujeito: a de mãe carinhosa (que cuida e se cuida); a que abriga e protege; aquela responsável pelo filho perfeito.

Palavras-chave: corpo, gênero, práticas corporais, maternidade, mídia.

Educação dos corpos: e a Politização do Corpo Grávido

A sociedade moderna, segundo Foucault (1999) compreende o período entre o início do século XVIII e o final do XIX, é por ele também demarcada por um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais sobre o investimento educativo nos corpos. Foucault (1999) mostra que o corpo serve como um elemento de apoio e articulação para os mais diversos projetos políticos, dotado, assim, de grande instrumentalidade nas relações de poder. Foucault (1999), caracteriza a modernidade como o momento em que a preocupação com os corpos do indivíduo e da população se dá de forma privilegiada.

Para Foucault (1999) o corpo, a existência de um organismo (individual) insuflado de vida, produziu uma novidade que, impôs um conjunto de saberes e de discursos, configurando diferentes instituições que tomam os corpos (a vida) como matéria de educação. Emerge assim, a idéia da vida corporal impondo-se como objeto propício de interrogação e de educação. De modo que a população, a materialidade dos corpos, é tomada por uma atuação positiva. “Positiva, aqui, não quer dizer menos

dolorosa, mas que em vez de anular o corpo, colocou-se sob exposição de condições que potencializariam suas forças” em termos econômico e político (GHIRALDELLI, 2007, p. 99).

Dessa forma passam a ser objetos de regulação e de controle do Estado as condições de vida, a saúde, o vigor dos corpos, o imperativo da reprodução saudável da espécie e seu próprio “melhoramento”, os estados de saúde, longevidade da vida, a fecundidade, a natalidade, a expansão das políticas de regulação da natalidade e da diminuição dos índices de mortalidade – sobretudo da mortalidade infantil. Passa pensar então a partir daí, principalmente, em “política(s) sobre o corpo(s)”, ou ainda em “políticas de saúde”, expressões pensadas por Foucault (1979) e presentes na contemporaneidade, tal a propriedade dos seus significados.

Nessa direção organizam-se as “políticas de saúde” através das quais as populações podem ser conhecidas, vigiadas e cuidadas (FOUCAULT, 1979). A partir dessa organização a saúde das populações firmar-se-ia como um elemento definidor de potencialidades concretas de riqueza dos Estados-Nação, de modo que os corpos assumiram “uma significação diferente; não mais supliciados, mas passam a ser (re)formados, corrigidos, aqueles que receberiam aptidões, um certo número de qualidades” (FOUCAULT, 1979, p. 119). Para Soares (2006, p. 75) gerir a população significa “gerir a população em profundidade, minuciosamente, no detalhe”, (...) gerir e controlar os corpos utilizá-los ao máximo (...) majorá-los “como efeito útil a dimensão corporal”.

É evidente que o pressuposto de que a riqueza dos Estados-Nação se mede pela saúde dos corpos de seus habitantes afetou, de alguma forma, quase todos os corpos, como afirma Foucault (1990). Tomo esse pressuposto do autor para complementá-lo que afetou (e afeta), de modo particular, os corpos das mulheres, em razão de sua capacidade ímpar de gestar e parir a vida.

O investimento no corpo das mulheres e das crianças como instrumento de forças produtivas, como certa garantia de prosperidade nacional (Cf. FELIPE, 2003). Esse investimento foi, gradativamente, incorporado, no imaginário cultural feminino já que permitia as mulheres alcançar um *status* social valorizado: tornavam-se necessárias à sociedade, através de seus corpos e do trabalho reprodutivo, com conseqüente valorização da posição a de “(...) ser uma boa mãe, uma mãe cuidadosa (...) como condição para ser uma mulher feliz e respeitada ” (BADINTER, 1995, p. 147), essa era uma das fortes mensagens propagadas.

Para Badinter (1985) nesse contexto reorganiza-se uma “economia da vida”, uma gestão técnico-administrativa da vida, por meio de políticas sobre os corpos [ventres], efetivadas de muitas formas, na literatura e na arte, nos tratados médicos, nas imagens anatômicas e nos discursos das diferentes áreas da saúde, da Medicina à Educação Física.

Entendo que tais discursos nos remetam à “invenção do corpo grávido” e associam os corpos grávidos a uma rede de práticas e de saberes, tais como: cuidados pré-natal, cursos especializados, consultas médicas, academias, alimentos diferenciados. A esse movimento chamamos de politização da maternidade e do corpo grávido, “(...) não no sentido de inovadora, mas no sentido de uma atualização, exacerbação, complexificação e multiplicação de investimentos educativo-assistenciais” (MEYER, 2006, p. 47) que objetivam maximizar, através da saúde materna, a saúde do feto.

Esses discursos de ser uma mãe cuidadosa são cada vez mais complexos e amplamente produzidos e divulgados em diversos artefatos da cultura como, por exemplo: poemas, canções, romances literários, filmes, novelas, documentários e, também, pelas diferentes ciências, mídias e propagandas produziram algo novo: saberes que passam a ditar prescrições normas sobre os modos de cuidar dos corpos femininos, cujo ponto de partida foi a formulação de regras e técnicas para gerir e produzir corpos os mais saudáveis possíveis. O binômio saber-poder entendido também como técnicas de procedimentos “prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la (...) graças ao conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Para Foucault (1977) esse saberes, com suas prescrições, não educam apenas os corpos, mas produzem subjetividades principalmente, pelo incitamento e encadeamento de posições e identidades. Foucault descreve que os saberes agem na constituição dos sujeitos, produzindo determinadas identidades¹. Por isso, para o autor, não existe um sujeito universal; ao contrário, o sujeito produzido é historicamente pelos diferentes modos de subjetivação, sendo que esses modos variam em conformidade aos diferentes momentos históricos e sociais da sociedade. Subjetivação, assim, entendida por Foucault, como processo de constituição dos sujeitos.

¹ Identidade(s) não tomada aqui como individualidade, nem como um processo estático (e definido), mas, como processo aberto, que envolve uma incessante reorganização de significados culturais com os quais nos relacionamos nos contextos socioculturais. Assim entendemos as identidades como múltiplas e plurais, portanto, passíveis de ser assumidas, ao mesmo tempo, pelos mesmos ou por diferentes atores sociais (SILVA, 2001).

Para Foucault (1999), Vigarello (2001) e Soares (2002), a história do corpo (da primitiva à pós-moderna), inclusive a dos corpos grávidos, é um pouco a história de saberes; é uma história heterogênea e plural. Dentro desse contexto de [educação e] reinvenção dos corpos grávidos procuro mostrar neste artigo como e de que modo a *Pais & Filhos* nos educa como sujeitos de gênero; nos ensinam a conferir sentido, no caso, à gravidez e à maternidade, sobretudo, conferindo sentido ou melhor efeitos específicos: o de demarcar inicialmente a posição da “gestante carinhosa” ... num processo nunca acabado e nem completo, como observa Meyer (2003).

A educação de mulheres mães e a Revista *Pais & Filhos*

Rosa Fischer (2002) é uma das estudiosas que chama a atenção para a importância que a mídia assume na atualidade, ocupando uma posição central no processo de constituição do sujeito contemporâneo, influenciando e modificando modos de ser homem e mulher, incluindo-se, aí, os de ser pai, mãe e gestante.

Observa-se, hoje, uma frutífera aliança entre educação e mídia. Podemos dizer que a pós-modernidade educa-nos através das informações, dentro daquilo que Fraga (2005, p. 28) chamou de uma “biopolítica informacional” – “(...) uma forma de governo que não depende [apenas] da relação-corpo-a-corpo para fazer valer um poder sobre a vida da espécie, mas de um conjunto de técnicas, procedimentos e saberes que regulam a vida” por meio das informações.

É importante destacar que na contemporaneidade elege-se a mídia como espaço privilegiado de enunciação, sobretudo, da seguinte questão: que são as mães que devem se ocupar pessoalmente dos seus filhos, serem mães responsáveis e carinhosas que promovam acima de tudo o desenvolvimento das crianças. Badinter (1985, p. 185) afirma que, apenas no final do século XVIII esta realidade se altera, eis que “(...) se opera uma espécie de revolução das mentalidades e que surgem, pela primeira vez, recomendações escritas para que, recomendações escritas para que “as mães se ocupem pessoalmente dos seus filhos”.

No contexto da mídia brasileira direcionada à família e às mulheres (potencialmente) mães, sobretudo, ressaltamos a importância da contribuição da *Pais & Filhos*, uma vez que essa publicação é tida como “a mais tradicional revista da família

brasileira, há trinta e sete anos no mercado” (MIRA, 2001). A revista desfruta de uma longevidade notável, comparada com a quantidade considerável de séries de revistas lançadas, para esse público, a cada ano no Brasil²; ainda mais que, delas, poucas conseguem passar pela prova dos dez anos da primeira publicação.

O público leitor da *Pais & Filhos* é composto, majoritariamente, por mulheres adultas de todas as classes sociais, embora haja prevalência das de classes média e alta, escolarizadas, e com renda própria. Conforme dados do conselho editorial³, o universo dos/as leitores/as da *Pais & Filhos* é composto, principalmente, por pessoas na faixa etária entre 20 e 49 anos, sendo 82% do sexo feminino e 18% do sexo masculino.

Examinamos exemplares da Revista *Pais e Filhos*, publicados no período de 1968 a 2005, e, para fazê-lo o referido exame, nos apoiamos na perspectiva dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais que se aproximam das teorizações pós-estruturalistas e utilizamos, como estratégia metodológica, a análise de discurso foucaultiana. Parto da consideração da *Pais & Filhos* (seus textos) como um artefato, que está articulado a uma rede de diferentes artefatos culturais, exatamente por participar dessa rede, o que nela se diz (e, também, o que se silencia), tem repercussões sociais, políticas e históricas.

Do ponto de vista da metodologia adotada, realizamos as análises valendo-nos das contribuições de Foucault no que tange ao conceito de discurso e enunciado. Foucault sugere que o/a pesquisador/a tome os discursos, em sua materialidade, e tencione suas condições de produção e as posições de sujeito neles descritas. Instrumentalizadas por esse “modo de ver”, optamos por mapear os enunciados nos discursos da *Pais & Filhos*, observando as suas *regularidades, insistências, repetições, possíveis rupturas e descontinuidades*.

Educar corpos femininos como corpos grávidos

²Gravidez Feliz, Gravidez Especial, Gravidez e Gestação, Superm e, Da Concepção ao Nascimento, A Gestação, Ser Mãe Especial, Seu filho e Voc e, Crescer em Família.

³ Esses dados fornecidos pela Editora foram extraídos de uma testagem de mercado (em mil pessoas) pelos estudos Marplan, 2003.

Observa-se todo um movimento, na *Pais & Filhos*,⁴ que nos apresenta formas de gerenciamento dos corpos na gravidez. Um dos efeitos da estratégia de investimentos nos corpos grávidos, elaborada pela revista, é a definição de diferentes posições de sujeito, pois “estar grávida” e tornar-se mãe não é, nesse contexto, a mesma coisa que ser mulher. É possível afirmar que a *Pais & Filhos* faz um declarado movimento no sentido de posicionar a mulher gestante diferenciando-a da posição de mulher. Encontramos também muitos exemplos, na *Pais & Filhos*, como o da imagem que segue, de exposição do corpo grávido. A revista aposta no poder das imagens.



Figura 3 – NATIONAL GEOGRAPHIC CHANEL. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 140, p. 12, ago. 1980.

Essa é uma, dentre várias que evidenciam e destacam o corpo grávido. Ao dirigirmos o olhar do centro para o canto direito da imagem, observamos a posição dos braços e mãos, demarcando os seios e a região pubiana produz uma moldura de proteção e, ao mesmo tempo, de exaltação da barriga, de forma pronunciada, indicadora de fertilidade feminina. A imagem do corpo em fundo escuro, cortada verticalmente pela luz, ressalta a barriga e, com essas estratégias, a gestante passa a ter sua significação corporificada: ela é (a portadora de) um corpo [útero] abundante. A imagem do corpo feminino como receptáculo, aquele que engendra e faz brotar, que nutre. A demarcação dos seios pode ser vista como dádiva da mãe para alimentar seus filhos. O corpo grávido é distinto e apresentado como *locus* e como conteúdo.

⁴ Muitos dos fragmentos de discursos destacados ao longo desta seção foram retirados da *Pais & Filhos*. Nosso olhar para a revista, nesse momento, se deteve nos temas que tratam da gestão do corpo das gestantes, modos de cuidar, de comportar-se. Destacaremos nesta seção aqueles que, no contexto da revista, se estabelecem como prescrições mais regulares.

Na imagem, seio, barriga, quadril e baixo ventre são partes para onde nosso olhar é automaticamente direcionado. A posição dos braços e mãos da gestante, em torno da barriga, parece convidar o/a leitor/a a pensar, também, que não se trata mais de um corpo solitário, mas de um corpo que abriga a existência de outro ser humano, que transporta uma carga preciosa que precisa ser cuidada e protegida. A repetição insistente de imagens como essa sustenta o seguinte pressuposto: é o corpo da mãe que dá condições de proteção, alimento, tranqüilidade e segurança, necessárias para que o feto/embrião se desenvolva bem. A gestante é posicionada como aquela que dispensa amor, proteção, amparo à barriga e, portanto, defesa e resguardo ao feto/embrião.

A revista posiciona as gestantes como mulheres que necessitam desenvolver competências específicas, segundo padrões definidos, para melhor conduzirem suas gestações e cumprirem as ‘obrigações’ inerentes relativas a essa condição. Uma série de artigos na revista descrevem a anatomia do corpo grávido, sua fisiologia e respectivos mecanismos de transformação, bem como o desenvolvimento fetal. Pode-se dizer que a revista, ao veicular essa série de artigos, define um ideal: o de que o corpo feminino é um corpo de ajuste flexível a condições mutantes, como as da gravidez.

O corpo grávido é mostrado pela *Pais & Filhos*, então, como o meio ideal e mais imediato para intervenções, “a cavidade hospedeira” onde, por um período prolongado de nove meses, o embrião se aloja, e é ali, portanto, que “deve começar os cuidados” (Pais & Filhos, 1978). Para o conselho editorial da revista, quanto mais cedo as mulheres aceitam a condição de estarem grávidas, mais rapidamente têm probabilidade de mudar alguns maus hábitos, tais como: *beber muito café e refrigerantes, ingerir álcool*,⁵ continuar fumando, usar outras drogas. Essas são estratégias de treinamento em que as gestantes são ensinadas a renunciar aos maus vícios e/ou, pelo menos, a reprimi-los na gravidez. Essas afirmações destacam a vida intra-uterina e a idéia de que grande parte da saúde do sujeito adulto é preparada, de modo particular, durante a gravidez, sobretudo, no e pelo corpo da gestante.

As gestantes, no contexto da *Pais & Filhos*, são geralmente retratadas como mulheres que cuidam dos corpos; aquelas que acompanham os métodos científicos, que *levam a sério seu corpo*; já não são mais tão tímidas, recatadas, mas mulheres ativas e

⁵ É interessante destacar que a era do consumo acentua a pacificação dos comportamentos, fazendo um movimento para diminuir as agressões físicas.

fortes, mais próximas de si quando o assunto é o cuidado com o próprio corpo. De 1980 a 1990, percebe-se um movimento que trabalha para fortalecer a representação de um “corpo forte e fecundo”, que demonstra firmeza e eficiência em quase todas as situações, como podemos observar inclusive no desenrolar da gravidez.

A *Pais & Filhos* insiste em afirmar que a gestante precisa compreender como funciona o seu corpo e conhecer os sinais e sintomas da gravidez lançando mão de palavras e de conhecimento especializado. Essa didatização da anátomo-fisiologia da gravidez opera através de uma série de práticas discursivas que são tão pedagógicas quanto políticas. Essas práticas são produzidas como jogos de verdades, jogos coercitivos que, sob a inspiração de Foucault (2004), podemos entender como formas de capturar as mulheres para um suposto ideal de condução e implementação da gravidez, educando-as como *gestantes*.

A revista reconhece a gravidez como uma condição biológica particular às fêmeas, desencadeada – ou passível de o ser – nos seus corpos. A *Pais & Filhos* posiciona as mulheres como responsáveis, exclusiva, pela maternagem. Conforme esses discursos a saúde do/a filho/a depende do corpo da mãe. Percebe-se, assim, a vitalidade e a continuidade de uma idéia moderna que perdura até os nossos dias: a de que a saúde dos/as filhos/as é o espelho da saúde da mãe.

A revista também apresenta muitos exemplos de nascimentos de crianças com anomalias, associando-os, com muita freqüência, a um certo fracasso do corpo, especialmente do corpo feminino. Isso instiga a perguntarmos: por que os homens são poupados dessas orientações? Existe hoje um número significativo de trabalhos relatando que o uso do álcool e tabaco, por parte dos homens, também pode interferir na fecundidade. Parece que a divulgação é de pouco interesse; quase não encontramos na *Pais & Filhos* artigos que os investigue, questione, que abordem os hábitos e estilos de vida dos homens e seus respectivos efeitos sobre a fecundidade. As exigências de abstinência, no caso, como de álcool e fumo, são quase sempre impostas às mulheres, em contrapartida os homens são poupados. Observa-se que há quase uma total ausência de retórica de culpabilidade na caracterização dos danos causados pelos homens aos fetos, e, em grande parte das reportagens, evidenciam-se as mulheres como causadoras. Como observamos a *Pais & Filhos* posiciona de modo diferente homens e mulheres, pais e mães, relativamente àquilo que se define como “responsabilidade para com filhos/as - saúde perfeita e vida feliz”.

É importante destacar que a leitura e explicação dos corpos varia de época para época, não só quanto às representações produzidas, mas especialmente quanto aos interesses políticos, morais, sociais e culturais que os movem. As próprias variações, movimentações, que a *Pais & Filhos* apresenta em relação à “boa” educação da gestante mostram um pouco disso.

Penso que a gravidez tornou mais um elemento a produzir tensões da “responsabilidade física e moral” das mulheres-gestantes em relação aos seus corpos e aos de seus/suas filhos/as nascidos/as e por nascer. As gestantes que não correspondem ao perfil materno de sacrifício pelos/as filhos/as e não assumem a responsabilidade pelo cuidado físico e bem-estar seu e da criança sofrem discriminações e acusações do tipo: “relapsas, descuidadas e egoístas” (PAIS & FILHOS, 2000, p. 72).

Encontramos na revista orientações mais contudentes a partir de 1990 que ilustram a pressão exercida sobre as mulheres para mudarem seu estilo de vida quando grávidas, de modo que seus “corpos se tornem limpos” (CARVALHO, 1991, p. 12). Perguntamos: será que não acontece nada de político aí? Parece-nos que essas exigências dizem muito sobre o que se concebe como sendo a saúde moral de uma época e retomam idéias de vigilância higienista, agora, de um sujeito mais centrada sobre si, seus corpos. Sibilia (2004) diz tratar-se de uma clara transição para as intervenções de uma vontade fáustica⁶ (limpar, corrigir, criar, ultrapassar) de “deletar” toda e qualquer impureza, inclusive as da pele. Sant’ Anna (2005) vê o contexto contemporâneo como o de uma busca da otimização da saúde pela autovigilância, o de redramatização da relação com o próprio corpo - trata-se, agora, de mudar os comportamentos em relação às condutas individuais, dar provas de “boa” auto observância e de otimização de si.

Na *Pais & Filhos* aumentaram significativamente as imagens de gestantes nuas e/ou vestindo roupas transparentes, semi-abertas, com rastro que lembre imagens de uma mãe “decente” que usa de forma explícita o seu corpo. É no corpo que se inscrevem, inicialmente, significados das relações de mãe cuidadosa. Segundo Susan Bordo (1997, p. 19), o corpo é “uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comportamentos de uma cultura são inscritos e assim reforçados na linguagem corporal concreta”.

⁶ Fáustico, para Sibilia (2004), seria o sujeito insatisfeito com a estreiteza do seu conhecimento.

As imagens explícitas de corpos grávidos, expostas na revista, são formadoras de novos códigos de valores e de novos comportamentos que evidenciam de forma clara a centralidade do corpo feminino nesse processo. Uma idéia forte infiltra-se na *Pais & Filhos*, qual seja, a de conferir ao corpo grávido - ativo e fecundo - o máximo de poder, considerando esta um dispositivo histórico, aparentemente subterrâneo, mas que se aprende a partir de uma grande rede de estimulação e de intensificação dos cuidados, até mesmo pela incitação do discurso: *seja mãe cuidadosa com seu corpo*.

O corpo grávido ideal de que nos fala a *Pais & Filhos* hoje é um corpo que não disfarça a barriga – a barriga se abre (se expõe) e os seios se erguem, o corpo é ativo, mas completamente controlado. A barriga, o bumbum e os seios ficam maiores e mais pronunciados,⁷ porém controlados. A beleza das grávidas é uma beleza que permite às mulheres terem, em “determinadas” partes, “formas cheias”. A barriga grande justifica-se por conter o bebê, os seios crescem porque produzem o leite materno. Essas são as “formas cheias” de um corpo que exprime abundância e que simultaneamente está “sob total controle”.

Nos nossos dias, há exigências de controle dos corpos. Há uma idéia de que, se houver controle, haverá mais saúde. Hoje não há lugar à displicência para com os corpos, o que há é um ideal de controle de si, e o corpo tende a torna-se um “objeto” de atenção constante (de si sobre si). A conhecida expressão de Paul Valéry (1985) “o mais profundo é a pele” é confirmada, na *Pais & Filhos*, especialmente quando vemos um expressivo prolongamento da vontade de ostentar distinções econômicas e políticas orientadas pela variação do peso corporal. Parece que consolo-nos com a preocupação dos meios de comunicação que, nos estimulam a comer e nos impõem um modelo de magreza como modelo de saúde, empurram-nos para os fogões, mas com receitas para emagrecer.

Celebram a boa mesa e o regime – a arte culinária e a dietética. Como ser gastrônomo e manter a linha? (...) Depois do que nos livramos dos horrores da subnutrição, a barriguinha lisa entrou na moda. Ter barriga é uma ameaça, e ser um obeso é um pavor (VICENTE, 1992, p. 316).

Dessa forma a Pais & Filhos, como artefato da cultura contemporânea, reforça os imperativos de um corpo controlado, de modo a considerar a gordura ruim e a obesidade vulgar e até mesmo às gestantes a estética da magreza é imposta.

As muitas exposições dessas imagens de corpos solitários (como a que abre esta seção), envolvidos pelos próprios braços e mãos, parecem destacar o caráter de individualidade e sugerir o carinho e a atenção que se deve dispensar ao corpo. O corpo aparece nu, sem amarras visíveis de roupas, solto. Aliás, nem tão solto, pois o nu é o corpo sem roupa, mas revestido de cultura, ou melhor, vestido como bem nos ensina o historiador Harold Koda (2001) pelos padrões estéticos e de cuidados de sua época.

A noção de cuidado de si e o desejo de transformação individual que a integra é tipicamente ocidental (KODA, 2001) e migra também para as páginas das revistas, alimentando abundantes incitações, quase imperativas, como:

Seu corpo acima de tudo, o corpo é você, por isso deve ser cuidado, amado, em primeiro lugar por você (NOBRE, 1970, p. 70).

Como se observa, a Pais & Filhos, desde seus primórdios, faz circular o pressuposto de que *o sujeito é o seu corpo*. Amplia-se a idéia de que o sujeito é responsável pela sua vida, pelo seu corpo e por seu nível de saúde, cabendo-lhe postergar sua finitude e combater os efeitos da decrepitude do tempo ou quaisquer traços que apontem na direção de sua finitude. Como explica Foucault (2005), o cuidado de si implica o "conhece-te a ti mesmo", aplicando, efetivamente, ações sobre si próprio, pois, para além do conhecer-se, trata-se de governar-se. Opera-se, ao longo do projeto editorial na *Pais & Filhos*, um processo visível no qual se estimulam e desafiam as gestantes *a ficarem cada vez mais atentas a si mesmos – a seus corpos – e a conhecerem-se* para melhor cuidarem de si. A revista insiste:

(...) a mulher precisa conhecer, explorar, tocar o próprio corpo grávido, deve valorizá-lo, investir nele como forma de amor e respeito por si e pelo filho (Pais & filho, 2001, p. 14).

Ter ou não ter filhos já foi conversa só de comadres. Mudaram as comadres e as mães, e a reprodução humana passou a ser assunto político, tratado claramente pela *Pais & Filhos*, até defendido “como tema de segurança nacional”, como destaca o conselho editorial da revista (1975). Nos artigos que examinados verifica-se um considerável esforço de propagação de informações científicas, de fácil manuseio e leitura, sobre o corpo feminino e o direito ao prazer. As práticas de cuidados não são naturais, mas se constroem e se modificam ao longo da história; desenvolvem-se no âmbito das relações sociais e, portanto, são sensíveis às relações de poder, modificam-se e produzem subjetividades diferenciadas, como também formas de enfrentamentos: o que é um corpo, como lidar com um corpo feminino, a que submetê-lo, como cuidá-lo (FOUCAULT, 2004).

A revista *Pais & Filhos* parece tomar a corporalidade feminina como âncora da mulher no mundo, sua razão de ser, *para si mesma e para os outros*. Parece que a equação mulher = corpo, orienta grande parte do discurso da revista, em que abundam textos acerca de tudo o que falta e/ou sobra na insubordinada fisiologia feminina, como descreve Graciela Natansohn (2005). Quando a revista fala da mulher (e/ou da mãe), enfatizam-se muito mais os aspectos biológicos; quando fala do homem, dirige-se mais ao aspecto simbólico da presença dos valores culturais, tradicionalmente ligados a um mundo da vida mais amplo.

Na revista, de um modo geral, as leitoras e leitores convivem, de maneira muito direta com o princípio de que um corpo, quando grávido, “deve” ser cuidado e aperfeiçoado” (PAIS & Filhos, 2007). Dentro dessa perspectiva observa-se que a gravidez vai sendo definida, ao longo do projeto editorial *PAIS & Filhos* (1968-2005), como uma condição devidamente “controlada, regulada, plena de temperança, prudência, gestão criteriosa/ponderada dos riscos” (PAIS & Filhos, 2007). Para Scavone (2000), as “antigas” mães “mal tomavam conhecimento” dos seus corpos e dos/as cuidados com filhos/as; já as “novas” mães, sobretudo, as mães de classe média⁸, têm sido as maiores consumidoras dos discursos de perfectibilidade física dos corpos. Para

⁸ As mães de hoje, sobretudo as de classe média investem na pessoa de seus/suas filhos/as, preocupadas com seu futuro. Por exemplo, é muito comum observarmos a predominância de mulheres em reuniões escolares, nos diferentes fóruns de discussão da família, em painéis integrativos, em grupos de reflexão, em reuniões de consultoria, em terapias familiares, em clínicas de saúde, em academias. As mulheres mostram-se sempre mais abertas para debaterem as mudanças da estrutura e do comportamento familiar, bem como as suas conseqüências (HAYS 1998).

as mulheres a contemporaneidade deixa de ser o tempo, sobretudo, de descuido com os corpos para ser um tempo protocolar de correções físicas da aparência e da saúde (COSTA, 2006).

A imagem caminha na direção de mostrar a gestante se relacionando harmonicamente, com afabilidade, maciez, brandura e curiosidade com seu estado de gravidez. Essa enfatiza, por isso, movimentos seguros, comedidos, sensíveis, tranquilos, harmoniosos. Para realizá-los a mãe age, ordena, acarinha, mima, afaga – mãe representada aqui como aquela que dá assistência, auxilia, agüenta; aquela que não se afasta da interação e conformando-se com a conduta, abaixa os olhos, junta as mãos e cobre com ternura o/ filho/a, num ato de espera do que deseja. Um desejo que se realiza com a suavidade do movimento dos dedos, o apelo ao tato, ao toque, à intimidade, o desejo expresso de harmonia, de realizar a fusão mãe-corpo-filho. A ênfase do exercício está na comunicação da mãe consigo e com o outro (feto/embrião), no prazer de enfrentar a si e à gravidez.

Estratégias como essa também permitem à *Pais & Filhos* colocar a relação mãe-filho/a em primeiro plano, reforçando o pressuposto das ciências “psi” de que é no decorrer da gravidez que a vinculação, o apego mãe-filho/a se estabelece. As gestantes são conclamadas a cumprir seu dever de procriar, cuidar da sobrevivência e amar, sem restrições, os/as filhos/as. A posição da “mãe amorosa”, tão exaltada a partir do catolicismo e reiterada pelo romantismo (BADINTER, 1985), também é reforçada pela revista. Verifica-se que o amor é um exercício, uma prática construída no decorrer da gravidez; um amor que não nasce junto com os bebês, na hora do parto...

Outra estratégia, que também exalta as barrigas, demarcando-as como ambientes que abrigam uma “carga preciosa”, é a exposição reiterada e explícita das “barrigas de fora”; há em curso, hoje, um culto e uma glamourização das barrigas grávidas. Entendemos que essa forma de não mais se disfarçar esse tipo específico de barriga também funciona como estratégia de fortalecimento da idéia da mãe amorosa, ao apontar certo orgulho e/ou amor demasiado no ato de carregar o/a filho/a.

Da mesma forma, pode-se dizer que o recurso técnico utilizado pela revista em imagens como a apresentada acima, demarcando as mamas e não todo o tronco, a região genital e abdominal e não as pernas, retira essas partes do silêncio e convida o/a leitor/a a observar a especificidade de cada uma delas. O corpo grávido é fragmentado; raramente é apresentado por inteiro e o olhar analítico prevalece sobre o sintético. Cada

parte tem um valor e uma função: mamas e abdômen estão relacionados com a maternidade e exigem práticas específicas de cuidado. A estratégia é a de isolar os segmentos corporais para melhor demarcar a estrutura e a função de cada um deles. Trata-se da localização de cada parte, conhecimento e descoberta das leis que presidem combinações, numa avaliação sem descanso – uma maternidade intensiva. Cada parte tem aqui “uma função social muito precisa (...), as partes metaforizam o social e o social metaforiza as partes” (LE BRETON, 2006, p. 70).

A revista interpela a mulher gestante, colocando-a em uma posição de sujeito aprendente e, ao fazê-lo, demanda fortemente a aquisição de capacidades cognitivo-afetivas que possibilitem a absorção e implementação de informações corporais específicas. Ao centralizarem o foco nas regiões ligadas à reprodução, essas imagens representam o corpo materno como um “semicorpo”, reduzido àquilo que importa dele, ou seja, algumas de suas partes: aquelas que se localizam no espaço que vai das mamas ao baixo ventre, que é destacado pela revista como área também de aconchego, como a região do corpo que *acalenta, esquenta, acarinha* a criança.

A *Pais & Filhos* fragmenta o corpo grávido sob uma lógica fria, dura e objetiva, para melhor mostrá-lo, ao mesmo tempo em que também o destaca como afetuoso, suave, emotivo, protetor do feto. De um modo particular, imagens como essa trazem à tona, aspectos emocionais na expressão do corpo acolhedor, em nível dos seios, do colo e da pele e do ordenamento das mãos afáveis da mãe. É para o corpo da mãe que a criança se volta para pedir ajuda e proteção, é ali que ela busca abrigo e segurança.

As imagens destacando as mamas das gestantes também funcionam no sentido de enfatizar uma força vital ligada à dimensão da mãe nutriz, representada pelas muitas imagens de mulheres com seios grandes e generosos. Por exemplo, ao longo dos 37 anos de publicação da *Pais & Filhos*, pode-se acompanhar a acentuação de uma ampla iconografia, repleta de descrições dos seios e de técnicas para melhor preparar as mamas para a amamentação, que inclui desde *sutiãs específicos, cremes, óleos, dosagem diária de sol nos mamilos, dietas e massagens* até *exercícios específicos (ginástica)*, que demarcam e posicionam de modo diferente os seios das gestantes. A revista assume a responsabilidade de fornecer uma educação específica sobre as mamas, o que lhes confere, por meio das técnicas de preparo, a posição central que elas exercem na maternagem. Para Yalom (1997, p. 131), os seios começaram a adquirir significado político a partir do século XVIII, e “não é muito forçado argumentar que foram as

modernas democracias ocidentais que inventaram o seio politizado e a partir daí cada vez mais ampliaram esta experiência”.

O destaque dado às imagens de mamas grandes e generosas das gestantes, na *Pais & Filhos*, também pode ser visto como ressaltando uma força inerente a um corpo vital que contém as condições para dar à luz, gestar, nutrir e proteger os pequenos e essa prática discursiva tem desdobramentos específicos. Por exemplo, o aleitamento materno, no contexto da *Pais & Filhos*, é assumido como um imperativo a ser exaltado, em detrimento do uso de leites industrializados, particularmente depois da década de 70, integrando a revista a uma campanha orquestrada cuidadosamente a favor da amamentação. O leite materno ganha *status* de insubstituível, e a mãe, de provedora fundamental dos alimentos⁹ do/a filho/a.

É interessante perceber como a *Pais & Filhos*, participa desse movimento de que articula o corpo individual da gestante e (re)significa de um modo especial a relação mãe-feto na cultura ocidental. A responsabilidade dos corpos grávidos ganha uma centralidade e eles são posicionadas como fundamentais – reforça-se a noção de vínculo das mães como únicas, insubstituíveis e presentes todo o tempo numa relação que começa com a concepção (a gravidez) e que segue reforçada, de outras formas, ao longo da vida.

Essa reflexão permite-nos dizer que o processo da gravidez está estreitamente relacionado com o de construção de gênero: educar mulheres para se tornarem e viverem como grávidas está dentro desses processos que nos educam como sujeitos de gênero.

A experiência do corpo grávido e da vivência da gestação é sempre modificada pela cultura e, nessa direção, nos permite repetir Artaud (2001, p. 43) para encerrar este artigo, quando ela diz: “Meu corpo é as vezes meu, uma vez que ele porta os traços de uma história que me é própria, de uma sensibilidade que é minha, mas ele contém,

⁹ Meyer examinou, em uma das suas pesquisas, o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM). Em tal pesquisa, a autora verificou a maneira pela qual determinadas identidades/posições de sujeito são produzidas a partir de verdades científicas, relacionadas à nutrição e à medicina, construídas em torno de uma prática unânime e insubstituível. Para Meyer, o imperativo do aleitamento destaca pouco as condições sociais, culturais e emocionais de grande parte das mulheres, que podem dificultar e/ou mesmo impedir a realização da amamentação. Para a autora, tal imperativo pode estar ligado ao pressuposto de que “quase todas as situações são contornáveis desde que haja empenho e vontade da mãe” (MEYER, 2004, p. 14). A autora destaca “a rede de regulação e controle que parece se fechar em torno desses corpos, constituindo a mulher que não amamenta como sujeito social desviante” (MEYER, 2004, p. 17).

também, uma dimensão que me escapa radicalmente e que o reenvia aos simbolismo de minha sociedade”.

Referências

- ARTAUD, Antonin. Oeuvres. Paris: Éditions Galimard, 2004. _____: Van Gogh; **o suicídio da sociedade**. Tradução: Ferreira Goulard. Rio de Janeiro. José Olímpio, 1993.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado. O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura, o poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ética, sexualidade, política. Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense: 2004. Universitária, vol. V.
- _____. **Em Defesa da Sociedade: Cursos do College de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1979
- FELIPE, Jane. Governando os corpos femininos. **Labrys**, n. 4, jul./dez. 2003.
- GHIRALDELLI, Paulo. **O Corpo**. São Paulo: Àtica, 2008.
-
- MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da modernidade. **Gênero: núcleo transdisciplinar de estudos de gênero – NUTEG**, Niterói, v. 6, n. 1, 2006.
- _____. Direitos reprodutivos e educação para o exercício da cidadania reprodutiva: perspectivas e desafios. In: FONSECA, Claudia; TERTO, Veriano; ALVES, Calef, (Orgs). **Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares** Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no Século XX**. São Paulo: Olho D'Água/FAPESP, 2001.
- SOARES, Carmen. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: Rago, M. e Veiga Neto. **As figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Contexto, 2006 (no prelo).

VAZ, Paulo Roberto G. Corpo e Risco. Fórum Media. Disponível em:
<<http://www.eco.ufrj.br/paulovaz/textos/corpoerisc.pdf>> Acesso em 06 mar.
2006.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAUJO, Hermes Reis (Org.). **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

VINCENT, Gerad. Uma História de Segredos. In: PROST, Antonio; VINCENT, Gerad. **História da Vida Privada**. São Paulo: companhia das Letras,

PAIS & FILHOS. São Paulo: Bloch e Manchete, anos 1-37. (Coleção).

_____. Disponível em <<http://www.revistapaisefilhos.terra.com.br>> Acessos em 2003;
2004; 2005; 2006.